

# one brazilian poet

— LINDOLF BELL —

Selection and translations: Richard Zenith

Coordination: Alcides Buss and Dilvo I. Ristoff



Lindolf Bell and the Poetic Catechesis Movement in Brazil

Richard Zenith\*

By his talents and intense activity, Lindolf Bell became the recognized leader of the Poetic Catechesis movement. Founded in 1964 in a defunct São Paulo nightclub, it quickly established itself as a major artistic current in Brazil. The movement is concerned not so much with the poem's form as with its role and diffusion in society. To fulfill the movement's original proposal to "take the poem to the people," poets declaimed their works in auditoriums, parks, streets, and other public places. They subsequently adopted visual means, such as "poster poems" and "poem shirts," which were mass produced to make them popularly accessible. It is nowadays common to see poems posted in Brazil's public squares and on building walls.

The poets of the Catechesis movement insist that poetry be not only aesthetic but also ethical, a preoccupation which is evident in the social consciousness of their poetry as well as their missionary zeal in communicating it. Says Bell: "The poem product should be delivered to the consumer by all available means; the poet should be the revelatory instrument of whatever is poetic in each man."

---

\*Professor-Bolsista da UFSC participante do Convênio UFSC/Universidade de Virgínia.

O Poema das Crianças Traídas  
Das Circunstâncias do Poema  
O Portão da Casa  
Minifúndio  
Desterro  
O Poema do Telhado De Vidro

These poems will be published in Contemporary Brazilian Poetry, 1950-1980, edited, with an introduction, by Emanuel Brasil and William Jay Smith. This anthology is scheduled to be released by Wesleyan Press in February, 1983.

## O Poema das Crianças Traídas

Eu vim de geração das crianças traídas.  
Eu vim de um montão de coisas destroçadas.  
Eu tentei unir células e nervos mas o rebanho morreu  
Eu fui à tarefa num tempo de drama.  
Eu cerzi o tambor da ternura quebrado.

Eu fui às cidades destruídas para viver os soldados mortos.  
Eu caminhei no caos com uma mensagem.  
Eu fui lírico de granadas presas à respiração.  
Eu visualizei as perspectivas de cada catacumba.  
Eu não levei serragem aos corações dos ditadores.  
Eu recolhi as lágrimas de todas as mães numa bacia de som  
bra.

Eu tive a função de porta-estandarte nas revoluções.  
Eu amei uma menina virgem.

Eu arranquei das pocilgas um brado.  
Eu amei os amigos de pés no chão.  
Eu fui a criança sem ciranda.  
Eu acreditei numa igualdade total.  
Eu não fui canção mas grito de dor.  
Eu tive por linguagem materna, roçar de bombas, baionetas.  
Eu fechei-me numa redoma para abrir meu coração triste.  
Eu fui a metamorfose de Deus.

Eu vasculhei nos lixos para redescobrir a pureza.  
Eu descí ao centro da terra para colher o girassol que mox  
re no eixo.  
Eu descobri que são incontáveis os grãos no fundo do mar  
mas tão raros os que sabem o caminho da pérola.  
Eu tentei persistir para além e para quem do contexto hu-  
mano, o que foi errado.

## Poem of the Betrayed Children

I came from the generation of the betrayed children.  
I came from a heap of wreckage.  
I tried to unite cells and nerves but the herd died.  
I took up the task in a time of tragedy.  
I patched the ruptured drum of tenderness.

I went to the ruined cities to live the soldiers' death.  
I walked through the chaos with a message.  
I was the lyric poet of grenades caught in the throat.  
I visualized the outline of each catacomb.  
I did not take sawdust to the hearts of the dictators.  
I gathered the tears of all the mothers in a somber basin.  
I served as a standard-bearer in the revolutions.  
I loved a virgin girl.

I forced a cry of protest out of the sties.  
I loved my friends with their feet firmly planted.  
I was the child with no sieve.  
I believed in a complete equality.  
I was not a song but a cry of pain.  
I had the scouring of bombs and bayonets for a mother  
tongue.  
I closed myself in a bell jar to open my sad heart.  
I was the metamorphosis of God.

I rummaged through the debris to rediscover purity.  
I descended to the center of the earth to get the sunflower  
that was growing on the axis.  
I discovered that the grains at the bottom of the sea are  
countless but very few know the way of the pearl.  
I tried to go beyond and beneath the human context, but it  
was a mistake.  
I looked for a wrecked airplane to build the house.

Eu procurei um avião liquidado para fazer a casa.  
Eu inventei um brinquedo das molas de um tanque enferrujado.  
Eu construí uma flor de arame farpado para levar na solidão.

I invented a toy from the springs of a rusted tank.  
I made a flower of barbed wire to carry into solitude.

By Lindolf Bell

Translated by Richard Zenith



Das Circunstâncias do Poema

Não seja o poema  
um pendão dobrado  
na gaveta  
da palavra dobrada

Não seja o poema  
o joelho dobrado  
nas circunstâncias  
Ou exercício de si mesmo  
em torre semântica  
nem a palavra quebrada  
antes do infinito

Não seja o poema  
apenas a viagem  
ao redor  
do próprio corpo do poema  
Nem o papel dobrado  
no silêncio do bolso

Mas o exercício  
corpo a corpo do poeta  
entre uma dúvida e outra dúvida  
mas dentro do horizonte  
da certeza duvidada

Não seja igualmente  
a inútil tragédia  
escrita (desfraldada)  
no inútil livro  
do banco da escola  
na boca do mundo

On a Poem's Circumstances (Das Circunstâncias do Poema)

Don't let the poem be  
a pennant folded up  
in the drawer  
of the folded word

Don't let the poem be  
the knee bent  
to circumstances  
Nor an exercise of itself  
in a semantic tower  
Nor the word broken  
before the infinite

Don't let the poem be  
a mere journey  
around  
the poem's own body  
Nor paper folded up  
in the silent pocket

But an exercise  
- the poet's hand to hand combat -  
between one and another doubt  
(though always within the horizon  
of doubted certainty)

Nor let it be  
the useless tragedy  
written (unfurled)  
in the useless book  
of the schooldesk  
in the world's mouth

Não seja o poema  
o perdão da humanidade  
nem o aconchego da morte  
Seja o poema  
nos bancos da praça  
e a vida  
passada a sujo

Seja o poema a palavra subterrânea  
Florida debaixo de terra própria,  
jamais apropriada  
A terra que a vida amansou  
sem domar a vida

Seja o poema  
a deflagração do homem  
Seja o poema  
o dobro da palavra poema  
e mais que o dobro  
para os que a consomem

A palavra emaranhada  
na Teia de Tróia  
A palavra passada a ferro  
e dobrada de vinco diário  
e arrancada do armário do medo  
e da servidão

Seja o poema  
o homem devorado pela luz  
E seja a sebe sutil do tempo  
onde encontrareis insetos e dúvidas  
E mistério nenhum mais transparente  
que a vida passada a limpo

Don't let the poem be  
the forgiving of humanity  
nor death's cozy comfort  
Let the poem be  
on the park bench  
and life  
soiled and dirty

Let the poem be the underground word  
Flourishing beneath the earth itself,  
never appropriated  
The earth which life tilled  
without quashing life

Let the poem be  
man's flaming outburst  
Let the poem be  
more than the word poem  
and more than that  
for those who consume it

The word entangled  
in the Web of the Net  
The word ironed  
and neatly folded every day  
and pulled out of the cupboard of fear  
and servitude

Let the poem be  
man devoured by light  
And let it be the hidden hedge of time  
where you'll find insects and doubts  
And no mystery more transparent  
than life tidied and clean

By Lindolf Bell  
Translated by R. Zenith

Portão da Casa

Abri o portão.  
    O coração rangeu.  
        Rangeu.  
dentro de mim  
e eu sorri  
como um lavrador sorri  
com seu rosto de terra  
e a boca rasgada de riso  
diante da terra lavrada.

Abri o portão partido. Partiu-me  
em dois horizontes.  
Em dois gomos de fruto fúgaz.  
Igual e desigual.

Abri o portão de minha casa.  
E a ferrugem (ou seria orvalho?)  
desatou o nó da palavra  
pendurada por um fio  
no fundo da garganta.

Abri o portão da casa de minha infância.  
Mapa dobrado dentro de mim  
desdobrado,  
mapa mudo  
onde afundei  
em areia movediça  
palavra por palavra.

Abri o portão da casa.  
A boca do jardim, a travessia  
do mundo.  
O tempo fendeu

## The House Gate

I opened the gate.

A heart creaked.

Creaked

inside me

and I smiled

like a tiller smiles

with his earthen face

and mouth wide open laughing

before the tilled land.

I opened the broken gate. It broke me  
into two horizons.

Into two sections of a fleeting fruit.

Equal and unequal.

I opened the gate to my house.

And the rust (or was it dew?)

undid the knotted word

hanging by a thread

deep in my throat.

I opened the gate to my childhood house.

A folded map inside of me

unfolded,

speechless map

where I sank

in quicksand

word by word.

I opened the house gate.

The garden entrance, the passage

to the world.

Time split

dentro e fora de onde vim  
e espatifou as asas de papel  
que vesti em mim.

Manchei roupa, amor e ávidos tatos  
em polpa de fruto proibido.  
Poiu-se a pele nova na vivência,  
no corpo dividido.  
Entre sonhos, frêmitos, tristuras  
e o real vivido.

Pois ainda que sonhe o tempo todo  
ter o tempo de encontrar a verdade  
em minhas mãos.  
nada sei de mim  
além de fotografias estampadas no jornal  
E pouca coisa mais saberei  
ainda que acredite o contrário a cada  
e que meu campo de batalha comigo  
dure a vida inteira deste sonho  
como dura o sonho a vida inteira  
e, muitas vezes, se projete  
além do horizonte aberto  
do portão,  
pouco mais ou nada mais  
saberei.

A caixa vazia  
de um velho relógio colonial  
desliza sobre as águas do rio Itajaí-Açu  
entre a lua cheia partida  
e a nuvem veloz.

E todas estas palavras  
e outras tantas nem escritas nem ditas

in and outside of where I came  
and smashed the paper wings  
I was wearing.

I stained clothing, love and craving touch  
with the juice of forbidden fruit.  
The tender skin wore away from living in the world,  
in my split body.  
Among dreams, shivers, griefs  
and life lived out.

For though I dream all the time  
of having time to find truth  
in my hands,  
I know nothing of myself .  
beyond photos printed in the newspaper.  
And I'll know little more  
though every moment I believe the contrary,  
and though the battle waged inside myself  
will last the lifetime of this dream  
even as the dream lasts a lifetime  
and often extends  
beyond the open horizon  
of the gate,  
little or nothing more  
will I know.

The empty box  
of an old colonial clock  
glides over the waters of the natal river  
between a broken full moon  
and a swift cloud.

And all these words  
and many others not written not spoken



(esfacelada luz de uma estrela sem face nem foice)  
fazem parte de minha biografia transparente.  
Nada menos  
nada mais.

(shattered light of a faceless scytheless star)  
are part of my transparent biography.  
Nothing less  
nothing more.

By Lindolf Bell  
Translated by Richard Zenith

## Minifúndio

Sem limites intransponíveis.  
Nem infinitos  
no minifúndio.  
A terra persiste  
e o homem permanece  
matéria de tudo.

Não há velocidade de luz escrita  
nem ensinada  
no minifúndio.  
Os olhos do lavrador  
iluminam a terra  
e guardam o dia sob pálpebras e rugas  
quando dorme.  
E caminha torto no sonho  
como torto caminha na vida.

Pesares, tristuras.  
Fértil celebração das circunstâncias.  
Não há enigmas  
nem ambigüidades feitas de ausência  
no minifúndio.  
Tudo é redondo:  
curiosidade, espanto, laços de família,  
esplendores de pouca futilidade.

Não se vai a lugar nenhum  
sem carregar a moita de mistério.  
O minifúndio se faz  
na terra da palavra.

Enterrem-me na palavra.

Small Farm (Minifúndio)

No limits are impassable.  
Nor infinite  
on the small farm.  
The land persists  
and man remains  
the substance of all things.

The speed of light is neither written  
nor taught  
on the small farm.  
The farmer's eyes  
light up the land  
and guard the day under wrinkled eyelids  
while he sleeps.  
He walks crooked in his dreams  
as a crooked man he walks in life.

Griefs, sorrows.  
Fertile celebration of circumstances.  
No enigmas  
nor ambiguities wrought from absence  
on the small farm.  
All is round:  
curiosity, fright, family ties,  
splendors with little futility.

No one goes anywhere  
without carrying with him the hush of mystery.  
The small farm is born  
in the land of the word.  
Bury me in the word.

By Lindolf Bell  
Translated by Richard Zenith

Desterro

Aqui estou eu  
em pleno século XX  
desterrado por Platão.  
Dentro do círculo da vida  
não mais aberto  
que um não.

Que faço neste tempo  
entre terra e céu de ironia?  
Em coração caracol  
e tempo de uvas verdes?

Faço um poema.  
Me desfaço.  
Me desfaço como um laço  
de uma caixa de presentes vazia.

E enquanto me desfaço no poema  
afino o sentimento do mundo:  
desterro se faz de nenhum lugar.  
E só se faz de saudade.

Exile (Desterro)

Here I am  
in the mid 20th century  
exiled by Plato.  
Inside life's circle  
no more open  
than a no.

What shall I do in this season  
between earth and ironic heaven?  
In a spiraling heart  
and a season of green grapes?

I put together a poem.  
I take myself apart.  
I undo myself like a string  
from a box emptied of presents.

And while I come apart in the poem  
I tune in to world feeling:  
exile comes from nowhere.  
It comes only from homesickness.

By Lindolf Bell  
Translated by Richard Zenith

Poema à Rua Operária

Aqui está a rua  
a rua sem fim  
a rua

A rua das casas baixas  
onde águas de rio andaram

A rua das fábricas  
Dos bares com seus comedores de pratos

A rua interceptada por outra rua  
trilhos  
árvores  
carros de passageiros

A rua dos sonhos por fazer

A rua  
onde se volta à infância  
com frequência

A rua dos que sentam nas calçadas  
sem saber que é de saudade

A rua das pensões  
oficinas  
do armazém  
onde se aprende  
quanto custa sobreviver

Aqui está a rua  
a rua sem fim  
a rua

The Workers' Road (Poema à Rua Operária)

This is the road  
the road without end  
the road

The road of flat-roofed homes  
where riverwater once flowed

The road of factories  
Of lunch counters full of regulars

The road intersected by another road  
                                  tracks  
                                  trees  
                                  passenger cars

The road of dreams to make true

The road  
which returns to childhood  
over and over

The road of sidewalk sitters  
who don't know homesickness

The road of flophouses  
                          garages  
                          of the warehouse  
                          where one learns  
                          the price of survival

This is the road  
the road without end  
the road

By Lindolf Bell  
Translated by Richard Zenith